

JOHN GREEN AUTOR DE  
A CULPA É DAS ESTRELAS

AUTOR DE  
NICK AND NORAH DAVID LEVITHAN

W & W  
UM  
NOME,  
UM  
DESTINO

*"Divertido, cru e original."  
The New York Times Book Review*



JOHN GREEN  
DAVID LEVITHAN

**WILL &  
MIRIAM  
UM  
NOME,  
UM  
DESTINO**

TRADUÇÃO DE  
RAQUEL ZAMPIL

1ª edição



GALERA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

Green, John, 1977-

G83w

Will Grayson, Will Grayson [recurso eletrônico] / John Green e David Levithan. ; tradução de Raquel Zampil. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013. recurso digital

Tradução de: Will Grayson, Will Grayson

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40346-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Levithan, David. II. Zampil, Raquel. III. Título.

13-2055.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

---

Título original em inglês:

*will grayson, will grayson*

Copyright © 2010 by John Green and David Levithan

Esta edição foi publicada mediante acordo com Dutton Children's Books, pertencente a Penguin Young Readers Group, que faz parte de Penguin Group (USA) Inc.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Composição de miolo da versão impressa: Renata Vidal da Cunha

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40346-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para David Leventhal  
(por estar tão próximo)

— DL

Para Tobias Huisman

— JG

# Reconhecimentos

Reconhecemos que Jodi Reamer é uma agente foda, e, mais ainda, reconhecemos que ela poderia derrotar nós dois, de uma só vez, numa queda de braço.

Reconhecemos que meter o dedo no nariz do amigo é uma escolha pessoal e que pode não ser adequado a todas as personalidades.

Reconhecemos que este livro provavelmente não existiria se Sarah Urist Green não tivesse gargalhado quando lemos pra ela em voz alta os dois primeiros capítulos, há muito tempo, em um apartamento muito, muito distante.

Reconhecemos que ficamos um pouco decepcionados ao saber que a confecção Penguin não tem nenhuma relação com a editora Penguin, pois esperávamos ter desconto em umas camisas polo deles.

Reconhecemos como Bill Ott, Steffie Zvirin e a fada-madrinha de John, Ilene Cooper, são puramente fabulosos.

Reconhecemos que, da mesma maneira que não se poderia ver a Lua não fosse pelo Sol, não haveria como vocês nos virem não fosse pelo brilho magnífico e contínuo de nossos amigos escritores.

Reconhecemos que um de nós colou nas provas no fim do ensino médio, mas que não era essa a intenção.

Reconhecemos que os nerdfighters são incríveis.

Reconhecemos que ser a pessoa que Deus criou não pode separá-lo do amor de Deus.

Reconhecemos que nós cronometramos a finalização deste livro a fim de convencer nossa magistral editora, Julie Strauss-Gabel, a dar ao seu bebê o nome de Will Grayson, mesmo que seja uma menina. O que é de certa forma enganoso, porque provavelmente nós é que devíamos batizar bebês em homenagem a ela. Mesmo que fossem meninos.

# capítulo um

Quando eu era pequeno, meu pai costumava me dizer: “Will, você pode escolher a dedo seus amigos e pode meter o dedo no próprio nariz, mas não pode meter o dedo no nariz do seu amigo.” Essa observação me pareceu razoavelmente perspicaz aos 8 anos, mas acabou se mostrando incorreta em alguns aspectos. Pra começar, não é possível escolher a dedo os amigos, ou eu nunca teria acabado com Tiny Cooper.

Tiny Cooper não é a pessoa mais gay do mundo, tampouco é a maior pessoa do mundo, mas acredito que ele possa ser a maior pessoa do mundo que é muito, muito gay, e também a pessoa mais gay do mundo que é muito, muito grande. Tiny é meu melhor amigo desde o quinto ano do ensino fundamental, exceto pelo último semestre, quando ele ficou ocupado descobrindo todo o alcance de sua gayzice, e eu fiquei ocupado com um Grupo de Amigos de verdade pela primeira vez na vida, grupo esse que acabou se tornando um grupo de Nunca Mais Fale Comigo por causa de duas leves transgressões:

1. Depois que um membro do conselho escolar ficou todo irritado com a presença de gays no vestiário, defendi o direito de Tiny Cooper de tanto ser gigante (e, portanto, o melhor da linha ofensiva da bosta do nosso time de futebol americano) quanto gay em uma carta pro jornal da escola, a qual eu, estupidamente, assinei.
2. Esse cara do Grupo de Amigos, chamado Clint, estava falando sobre a carta na hora do almoço e, ao falar dela, me chamou de baitola, e eu não sabia o que era um baitola então perguntei: “Como assim?” E ele então me chamou de baitola de novo e, nessa hora, eu mandei ele se foder, peguei minha bandeja e saí da mesa.

O que acho que significa que tecnicamente fui *eu* quem deixou o Grupo de Amigos, embora parecesse o contrário. Sinceramente, nenhum deles jamais pareceu gostar muito de mim, mas eles estavam *por perto*, o que já é alguma coisa. E agora não estão mais, deixando-me totalmente desprovido de companhia social.

Isto é, a menos que se conte Tiny. O que suponho que eu deva fazer.

E/porém/portanto, algumas semanas depois de voltarmos das férias de Natal no terceiro ano, estou sentado em meu Lugar Marcado na aula de pré-cálculo quando Tiny entra em seu passo de valsa, vestido com a camisa do time enfiada para dentro da calça cáqui, embora a temporada

de futebol já tenha acabado há muito tempo. Todos os dias, Tiny consegue, milagrosamente, se fazer caber na carteira ao lado da minha na sala de pré-cálculo e, todos os dias, fico espantado que ele consiga fazer isso.

Então, Tiny se espreme na cadeira, fico devidamente espantado, e ele se vira para mim e sussurra bem alto porque secretamente quer que as outras pessoas escutem: “Estou *apaixonado*.” Reviro os olhos, porque ele se apaixona de hora em hora por algum pobre garoto. Todos eles parecem iguais: magricelas, suarentos e bronzeados, sendo esse último aspecto uma abominação, porque todos os bronzeados de Chicago em fevereiro são falsos, e garotos que se bronzeiam artificialmente — não estou nem aí se são gays ou não — são ridículos.

— Você é tão cínico — diz Tiny, agitando a mão na minha direção.

— Não sou cínico, Tiny — respondo. — Sou prático.

— Você é um robô — continua ele. Tiny acha que sou incapaz do que os humanos chamam de emoção porque não choro desde meu aniversário de 7 anos, quando vi o filme *Todos os cães merecem o céu*. Suponho que eu devesse saber pelo título que o final não seria feliz, mas, em minha defesa, eu tinha 7 anos. De qualquer forma, desde então, não chorei nunca mais. Eu não entendo muito bem qual é o *sentido* de chorar. Além disso, acho que chorar é quase — assim, exceto em caso de morte de parentes ou coisa parecida — totalmente evitável, se você seguir duas regras muito simples: 1. Não se importar muito com nada. 2. Calar a boca. Todas as coisas ruins que já me aconteceram derivaram do não cumprimento de uma dessas regras.

— Sei que é amor de verdade porque *sinto* — diz Tiny.

Aparentemente a aula começou sem que percebêssemos, porque o Sr. Applebaum, que ostensivamente nos ensina pré-cálculo, mas que principalmente me ensina que a dor e o sofrimento devem ser suportados estoicamente, pergunta:

— Sente o quê, Tiny?

— Amor! — responde Tiny. — Eu sinto o amor.

E todos se viram e riem ou resmungam diante da resposta de Tiny, e como estou sentado ao lado dele, que é meu melhor e único amigo, estão rindo e resmungando para mim também, e essa é precisamente a razão por que eu não escolheria Tiny Cooper como meu amigo. Ele chama atenção demais. Além disso, tem uma incapacidade patológica de seguir minhas duas regras. E assim ele anda por aí com passos de valsa, dando importância demais às coisas e falando sem parar, e então ficando desorientado quando o mundo caga na cabeça dele. E, naturalmente, por causa da mera proximidade, isso significa que o mundo caga na minha cabeça também.

Depois da aula, estou olhando meu armário e me perguntando como consegui deixar *A letra escarlate* em casa, quando Tiny se aproxima com seus amigos da Aliança Gay-Hétero, Gary (que

é gay) e Jane (que pode ou não ser — nunca perguntei), e me diz:

— Parece que todo mundo está pensando que me declarei pra você em pré-cálculo. Eu, apaixonado por Will Grayson. Não é a maior idiotice que você já ouviu?

— Maravilha — digo.

— As pessoas são tão idiotas — afirma Tiny. — Como se houvesse alguma coisa errada em estar apaixonado.

Então Gary solta um resmungo. Se a gente pudesse escolher os amigos, eu consideraria Gary. Tiny se tornou próximo de Gary, Jane e do namorado de Gary, Nick, quando se afiliou à AGH durante meu período como membro do Grupo de Amigos. Eu mal conheço Gary, já que só voltei a andar com Tiny há duas semanas mais ou menos, mas ele parece a pessoa mais normal com quem Tiny já fez amizade.

— Tem uma diferença — observa Gary —, entre estar apaixonado e anunciar isso no meio da aula de pré-cálculo.

Tiny começa a falar, mas Gary o corta.

— Quero dizer, não me entenda mal. Você tem todo o direito de estar apaixonado por Zach.

— Billy — corrige Tiny.

— Espere aí, o que aconteceu com Zach? — pergunto, porque podia jurar que Tiny estava apaixonado por Zach na aula de pré-cálculo. Mas 47 minutos haviam se passado desde sua declaração pública, então talvez ele já tenha andado com a fila. Tiny já teve uns 3.900 namorados — metade deles eram virtuais.

Gary, que parece tão desorientado pelo surgimento de Billy quanto eu, se encosta no armário e bate a cabeça devagar no aço.

— Tiny, o fato de você agir como um galinha não ajuda em nada a causa.

Levanto a cabeça, olhando para Tiny, e digo:

— Podemos sufocar os rumores do nosso amor? Isso prejudica minhas chances com as damas.

— Chamá-las de “damas” também não ajuda — diz Jane para mim.

Tiny ri.

— Mas, sério — digo a ele —, eu sempre me dou mal com isso.

Tiny me olha, sério, e faz que sim com a cabeça rapidamente.

— Embora, só pra registrar — diz Gary —, você poderia ter escolhido alguém pior que Will Grayson.

— E ele escolheu — observo.

Tiny gira em uma pirueta de balé até o meio do corredor e, rindo, grita:

— Querido Mundo, eu não tenho tesão em Will Grayson. Mas, mundo, tem mais uma coisa que você deveria saber sobre Will Grayson. — E então ele começa a cantar, um barítono digno da Broadway tão grande quanto a cintura dele: — Eu não posso viver sem ele!

As pessoas riem, gritam e batem palmas à medida que Tiny continua a serenata e eu me afasto, indo pra aula de inglês. É uma longa caminhada, que fica ainda mais longa quando alguém te para e pergunta qual a sensação de ser sodomizado por Tiny Cooper, e como você consegue achar o “piruzinho gay dele” atrás daquela barriga. Respondo do mesmo modo de sempre: baixando os olhos e andando reto e rápido. Sei que estão só brincando. Sei que parte de conhecer alguém é ser mau com esse alguém ou coisa assim. Tiny tem sempre algo brilhante pra dizer, como: “Para alguém que teoricamente não me quer, você certamente passa muito tempo pensando e falando sobre o meu pênis.” Talvez isso funcione pra Tiny, mas nunca pra mim. Ficar calado funciona. Seguir as regras funciona. Assim, eu calo a boca, não dou a mínima, continuo andando, e logo já acabou.

A última vez que eu disse alguma coisa digna de nota foi quando escrevi a droga da carta ao editor sobre a droga do Tiny Cooper e a droga do seu direito de ser uma droga de estrela em nosso time de futebol horrível. Não me arrependo nem um pouco de ter escrito a carta, mas sim de ter assinado. Assiná-la foi uma clara violação da regra de ficar calado, e veja onde isso me levou: sozinho numa tarde de terça-feira, fitando meus tênis pretos de cano longo.

Naquela noite, não muito depois de eu pedir pizza para mim e meus pais, que ficaram — como sempre — até tarde no hospital, Tiny Cooper me liga e muito, muito discreta e rapidamente, deixa escapar:

— Parece que o Neutral Milk Hotel vai se reunir em um show no Hideout, que não foi nada divulgado, e ninguém sabe, e puta merda, Grayson, puta merda!

— Puta merda! — grito. Uma coisa pode-se dizer a favor de Tiny: sempre que algo incrível acontece, ele é o primeiro a saber.

Bem, geralmente não sou dado a arroubos de entusiasmo, mas o Neutral Milk Hotel meio que mudou minha vida. Eles lançaram esse álbum absolutamente fantástico chamado *In the Aeroplane Over the Sea* em 1998 e, desde então, ninguém ouviu mais falar deles, supostamente porque o líder da banda vive numa caverna na Nova Zelândia. Mas, de qualquer forma, ele é um gênio.

— Quando?

— Não sei. Só ouvi falar. Vou ligar pra Jane também. Ela gosta deles quase tanto quanto você. Ok, então. Vamos para o Hideout agora.

— Estou literalmente a caminho — respondo, abrindo a porta da garagem.

Ligo pra minha mãe do carro. Digo que o Neutral Milk Hotel está tocando no Hideout e ela diz: “Quem? O quê? Você está indo pra um hotel?” E então cantarolo alguns acordes de uma canção deles, e mamãe diz: “Ah, eu conheço essa música. Tá naquela playlist que você fez pra mim”, e eu digo: “Isso mesmo” e ela diz: “Bem, você tem que estar de volta às 11”, e eu digo: “Mãe, isto é um evento histórico. A história não funciona com toque de recolher”, e ela diz: “De volta às 11”, e eu digo: “Está bem. Meu Deus”, e então ela tem de ir extrair o câncer de alguém.

Tiny Cooper mora numa mansão com os pais mais ricos do mundo. Não creio que o pai ou a mãe dele tenham emprego, mas eles são tão revoltantemente ricos que Tiny Cooper nem mesmo mora *na* mansão; ele mora na *casa de hóspede* da mansão, sozinho. Ele tem três quartos naquela porra e uma geladeira que sempre tem cerveja, e os pais nunca o incomodam, então podemos ficar lá o dia todo e jogar futebol no videogame e beber Miller Lite, exceto pelo fato de que Tiny odeia videogame e eu odeio cerveja, então, praticamente tudo que fazemos é jogar dardos (ele tem um alvo), ouvir música e conversar e estudar. Acabo de começar a dizer o *T* de Tiny quando ele sai correndo do quarto, com um mocassim de couro preto num pé e o outro na mão, gritando:

— Vamos, Grayson, anda, anda.

E tudo corre perfeitamente bem no caminho até lá. O trânsito não está muito ruim na Sheridan, e eu faço a curva como se estivesse na Fórmula Indy 500, e estamos ouvindo a minha canção favorita do NMH, “Holland, 1945”, e então pegamos a Lake Shore Drive, com as ondas do lago Michigan batendo nas rochas perto da estrada, as janelas ligeiramente abertas para fazer o carro descongelar, o ar frio, sujo e estimulante entrando, e eu adoro os cheiros de Chicago — Chicago é água salobra do lago e fuligem e suor e graxa, e eu amo isso, e amo essa música, e Tiny está dizendo *Eu amo essa música*, e ele está com o para-sol abaixado pra arrumar o cabelo com um pouco mais de cuidado. Isso me faz pensar que o Neutral Milk Hotel vai *me ver* com quase tanta certeza quanto eu vou vê-los, então faço uma rápida inspeção em mim mesmo no retrovisor. Meu rosto parece quadrado demais e meus olhos grandes demais, como se eu estivesse eternamente surpreso, mas não tem nada errado em mim que eu possa consertar.

O Hideout é um bar feito de tábuas de madeira que fica aninhado entre uma fábrica e um prédio do Departamento de Transportes. Não há nada de chique nele, mas já tem uma fila na porta, embora sejam apenas sete horas. Assim, fico esperando com Tiny por um tempo até Gary e Jane Possivelmente Gay chegarem.

Debaixo do casaco aberto, Jane está usando uma camiseta com decote em V com “Neutral Milk Hotel” rabiscados à mão. Jane surgiu na vida de Tiny mais ou menos na mesma época em que saí, então, na verdade, não nos conhecemos muito bem. Ainda assim, eu diria que atualmente ela é minha quarta melhor amiga, e parece que tem bom gosto musical.

Esperando do lado de fora do Hideout num frio de enrugam a cara, ela diz oi sem olhar pra mim, e eu digo oi de volta, e então ela diz:

— Essa banda é tããão maravilhosa.

E eu digo:

— Eu sei.

Essa é possivelmente a conversa mais longa que já tive com Jane. Chuto o cascalho por um tempo e observo uma mininuvem de poeira envolver meu pé, então digo à Jane o quanto gosto de “Holland, 1945”, e ela diz:

— Gosto das coisas menos acessíveis deles. As polifônicas, barulhentas.

Eu me limito a concordar com a cabeça, na esperança de que pareça que sei o que *polifônico* significa.

Uma coisa sobre Tiny Cooper é que não se pode cochichar no ouvido dele, mesmo que você seja razoavelmente alto como eu, porque o filho da puta tem 1,98 metro; então você tem de dar um tapinha no ombro gigante dele e aí fazer meio que um sinal com a cabeça, avisando que você quer falar no ouvido dele, aí ele se inclina e você pergunta: “Ei, a Jane faz parte do lado gay ou hétero da Aliança Gay-Hétero?”

Então Tiny se abaixa até meu ouvido e cochicha de volta:

— Não sei. Acho que no primeiro ano ela teve um namorado.

Lembro a ele que Tiny Cooper teve umas 11.542 namoradas no primeiro ano, e então Tiny soca o meu braço de um jeito que ele acha que é de brincadeira, mas que, na verdade, causa um dano permanente ao sistema nervoso.

Gary está esfregando os braços de Jane para mantê-la aquecida quando *finalmente* a fila começa a andar. Então, uns cinco segundos depois, vemos um garoto parecendo inconsolável, e ele é precisamente o tipo de cara pequeno-louro-bronzeado que agrada Tiny Cooper, e então Tiny pergunta:

— O que houve?

E o garoto responde:

— É só para maiores de 21 anos.

— Você — digo a Tiny, gaguejando. — Seu baitola — Ainda não sei o que isso significa, mas

parece adequado.

Ele franze os lábios e a testa. Então se vira para Jane:

— Você tem identidade falsa?

Jane assente, e Gary logo acrescenta:

— Eu também.

E eu estou flexionando os punhos, com o maxilar travado e só quero gritar, mas, em vez disso, digo:

— Tudo bem. Estou indo pra casa. — Porque *eu* não tenho uma identidade falsa.

Mas Tiny diz muito rápido e muito baixo:

— Gary, me dê o soco mais forte que você puder quando eu estiver mostrando minha identidade, e então, Grayson, você simplesmente passa atrás de mim, como se fizesse parte do grupo. — Então ninguém diz nada por algum tempo até Gary dizer alto demais:

— Hã, eu não sei dar um *soco* de verdade.

Estamos nos aproximando do segurança, que tem uma tatuagem enorme na careca, e então Tiny apenas murmura:

— Sabe, sim. É só me bater com força.

Fico um pouco para trás, observando. Jane entrega a identidade dela para o segurança. Ele ilumina o documento com uma lanterna, levanta os olhos pra Jane e o devolve. Então chega a vez de Tiny. Inspiro uma série de vezes muito rapidamente, pois li certa vez que as pessoas com muito oxigênio no sangue parecem mais calmas, e então vejo Gary ficar na ponta dos pés, levar o braço pra trás e acertar Tiny no olho direito. A cabeça de Tiny vira pra trás, e Gary grita: “Ah, meu Deus, *ai ai*, que merda, a minha mão”, e o segurança dá um pulo pra agarrar Gary, e então Tiny Cooper vira o corpo pra bloquear a visão do segurança de mim, e, quando ele faz isso, entro no bar como se Tiny fosse minha porta giratória.

Uma vez lá dentro, olho pra trás e vejo o segurança agarrando Gary pelos ombros, que faz uma careta enquanto olha para a própria mão. Tiny então põe a mão no segurança e diz:

— Cara, a gente só estava de sacanagem. Mas essa foi boa, Dwight.

Levo um minuto pra deduzir que Gary é Dwight. Ou que Dwight é Gary.

O segurança diz:

— Ele te acertou na porra do olho.

E Tiny responde:

— Eu devia uma a ele. — E, em seguida, explica ao segurança que tanto ele quanto Gary/Dwight são membros do time de futebol da DePaul University, e que mais cedo, na sala de musculação, Tiny tinha dado um furo ou algo assim. O segurança diz que ele jogava na linha

ofensiva no ensino médio, e, de repente, eles estão no maior papo enquanto o segurança olha a identidade extraordinariamente falsa de Gary, e então estamos todos os quatro dentro do Hideout, sozinhos com o Neutral Milk Hotel e uma centena de estranhos.

O mar de gente cercando o bar se abre, e Tiny compra duas cervejas e me oferece uma. Recuso.

— Por que Dwight? — pergunto.

E Tiny responde:

— Na identidade, ele é Dwight David Eisenhower IV.

E eu digo:

— Aliás, onde todo mundo conseguiu uma porra de uma identidade falsa?

E Tiny responde:

— Tem lugares pra isso.

Decido que vou conseguir uma.

Então digo: “Na verdade, vou tomar uma cerveja”, principalmente porque quero ter alguma coisa na mão. Tiny me entrega a que ele já começara a beber, e eu me aproximo do palco sem Tiny, sem Gary e sem Jane Possivelmente Gay. Somos somente eu e o palco, erguido a apenas uns 60 centímetros, de modo que, se o líder do Neutral Milk Hotel for particularmente baixo — tipo, se tiver uns 1,20 metro —, logo estarei olhando direto nos olhos dele. Outras pessoas se aproximam do palco, e não demora pro lugar ficar lotado. Já estive aqui antes para shows de classificação livre, mas nunca foi assim — a cerveja na qual não dei nenhum gole e nem pretendo dar está suando na minha mão, há estranhos com muitos piercings e tatuagens à minha volta. Cada alma ali no Hideout agora é mais maneira que qualquer um do Grupo de Amigos. Essas pessoas não acham que tem alguma coisa errada comigo — elas nem mesmo me *notam*. Presumem que eu seja um deles, o que parece o verdadeiro ápice de minha carreira no ensino médio. Aqui estou eu, numa noite de maiores de 21, no melhor bar da segunda cidade dos Estados Unidos, me preparando para estar entre as duzentas pessoas que verão o show de retorno da maior banda desconhecida da última década.

Os tais quatro caras surgem no palco, e, embora eles não tenham a menor semelhança com os membros do Neutral Milk Hotel, digo a mim mesmo que, não importa, só vi mesmo fotos deles na internet. Mas então eles começam a tocar. Não sei bem como descrever a música dessa banda, a não ser dizendo que o som deles parece o de cem mil doninhas sendo jogadas em um oceano fervendo. E então o cara começa a cantar:

*Ela me amava, yeah*

*Mas agora me detesta*

*Ela transava comigo, mermão*

*Mas agora namora*

*Outros caras*

*Outros caras*

Exceto por uma lobotomia pré-frontal, não existe absolutamente a menor chance de que o líder do Neutral Milk Hotel *pensasse*, quanto mais *escrevesse*, quanto mais *cantasse* uma letra dessas. E então me dou conta: esperei lá fora, na rua fria e mal iluminada, no meio da fumaça dos carros, e causei uma possível fratura na mão de Gary pra ouvir uma banda que, evidentemente, *não* é o Neutral Milk Hotel. E, embora ele não esteja em lugar algum no meio da multidão de fãs calados e atordoados do NMH que me cerca, grito imediatamente: “Maldito Tiny Cooper!”

No fim da música, minhas suspeitas são confirmadas quando o líder da banda diz, sendo acolhido por um absoluto silêncio:

— Obrigado! Muito obrigado. O NMH não pôde vir, mas nós somos o Ashland Avenue, e estamos aqui pra fazer rock!

*Não, penso. Vocês são o Ashland Avenue e estão aqui pra fazer merda!* Alguém bate no meu ombro e eu me viro e dou de cara com uma garota de vinte e poucos anos indescritivelmente bonita com um piercing nos lábios, cabelos vermelho-fogo e botas até a panturrilha. Ela diz, em tom interrogativo:

— Pensamos que fosse o Neutral Milk Hotel tocando.

E eu baixo os olhos:

— Eu... — gaguejo um instante, e então completo: — também. Também estou aqui por causa deles.

A garota se inclina até o meu ouvido e grita acima da atonal e arrítmica afronta à decência que é o Ashland Avenue:

— O Ashland Avenue não é o Neutral Milk Hotel.

Alguma coisa na lotação do salão, ou a estranheza da estranha, me deixa falante, e eu grito de volta:

— O Ashland Avenue é o que eles tocam pros terroristas pra fazer os caras falarem.

A garota sorri, e só então percebo que ela tem consciência da diferença de idade. Ela me pergunta em que escola estudo, e eu respondo “Evanston”, e ela pergunta:

— Ensino *médio*?

E eu digo:

— Sim, mas não conta pro cara do bar.

E ela retruca:

— Agora eu me sinto uma pervertida de verdade.

E eu pergunto:

— Por quê?

E ela apenas dá uma risada. Sei que a garota não está a fim de mim, mas ainda assim me sinto ligeiramente como um pegador.

E então essa mão imensa pousa no meu ombro, eu olho e vejo o anel de formatura que ele usa no dedo mindinho desde o oitavo ano e sei imediatamente que é Tiny. E pensar que alguns idiotas afirmam que os gays têm bom gosto.

Eu me viro e vejo que Tiny Cooper está derramando lágrimas imensas. Uma delas poderia afogar um gatinho. E eu pergunto só com o movimento dos lábios O QUE ACONTECEU porque o Ashland Avenue está tocando aquela merda alto demais pra que ele me ouça, e Tiny Cooper simplesmente me entrega seu telefone e se afasta. A tela mostra o mural do Facebook de Tiny, exibindo uma atualização de status.

*Zach* qnto mais eu penso nisso mais penso q estraguei uma grande amizade? mas ainda acho q tiny é inkrível.

Abro caminho em meio às pessoas até Tiny, puxo seu ombro e grito em seu ouvido: “ISSO É MUITO RUIM, PORRA”, e Tiny grita de volta: “FUI DISPENSADO COM UMA ATUALIZAÇÃO DE STATUS”, e eu respondo: “É, PERCEBI. SABE, ELE PODIA TER PELO MENOS MANDADO UMA MENSAGEM DE TEXTO. OU UM E-MAIL. OU ENVIADO UM POMBO.”

“O QUE VOU FAZER?”, berra Tiny no meu ouvido, e eu tenho vontade de dizer: “Espero que procurar um cara que saiba que *incrível* não se escreve com k”, mas apenas dou de ombros, bato de leve nas costas dele e o levo pra longe do Ashland Avenue na direção do bar.

O que acaba vindo a ser um erro. Quando já estamos quase no bar, vejo Jane Possivelmente Gay perto de uma mesa alta. Ela me diz que Gary foi embora, revoltado.

— Foi um golpe publicitário do Ashland Avenue, ao que parece — conta ela.

Eu digo: — Mas fã algum do NMH *jamais* ouviria essa porcaria.

Então Jane levanta a cabeça e me olha, arregalando os olhos e fazendo biquinho, e diz:

— Meu irmão é o guitarrista.

Me sentindo um completo babaca, respondo:

— Ah, foi mal, cara.

E ela completa:

— Meu Deus, tô brincando. Se fosse, eu deserdaria.

Em algum momento de nossa conversa de quatro segundos, consegui perder Tiny totalmente, o que não é uma tarefa nada fácil, então conto a Jane sobre o grande fora de Tiny no Facebook, e ela ainda está rindo quando ele aparece em nossa mesa com uma bandeja redonda contendo seis doses de um líquido esverdeado.

— Eu não bebo — lembro a Tiny, e ele faz que sim com a cabeça. Empurra uma dose pra Jane, que se limita a fazer que não com a cabeça.

Tiny toma uma dose, faz uma careta e solta o ar.

— Tem gosto do pau do demo — diz Tiny, e então empurra outra dose em minha direção.

— Parece delicioso — falo —, mas eu passo.

— Como ele pode simplesmente — berra Tiny, e então toma outra dose — me dar o fora — mais uma dose — no seu STATUS depois de eu dizer que o AMO — mais outra. — O que está acontecendo com esse mundo maldito? — Outra. — Eu o amo mesmo, Grayson. Sei que você acha que sou ridículo, mas soube que o amava no momento em que nos beijamos. Porra. O que eu vou *fazer*? — E então ele abafa um soluço com a última dose.

Jane puxa a manga da minha camisa e se inclina pra mim. Dá pra sentir seu hálito quente no meu pescoço quando ela diz:

— Vamos ter um grande problema quando ele começar a sentir o efeito dessas doses.

Concluo que Jane tem razão, e, seja como for, o Ashland Avenue é terrível, então precisamos ir embora do Hideout o mais rápido possível.

Eu me viro pra dizer a Tiny que é hora de ir, mas ele desapareceu. Olho de volta pra Jane, que está olhando na direção do bar com uma expressão de profunda preocupação. Logo depois, Tiny Cooper volta. Só duas doses dessa vez, graças a Deus.

— Bebe comigo — diz ele, e faço que não com a cabeça, mas então Jane me cutuca nas costas e percebo que preciso tomar uma no lugar de Tiny. Enfio a mão no bolso e entrego as chaves do carro a Jane. A única forma segura de evitar que ele tome o restante da bebida verde-plutônio é eu mesmo engolindo uma dose. Então pego o copo, e Tiny diz:

— Ah, foda-se ele, então, Grayson. Fodam-se todos.

E eu digo:

— Vou beber a isso. — E é o que faço; então aquilo encosta na minha língua e é como um coquetel Molotov em chamas; com copo e tudo. Involuntariamente cuspo a dose inteira na

camisa de Tiny Cooper.

— Um Jackson Pollock monocromático — diz Jane; então, dirigindo-se a Tiny: — Temos que sumir daqui. Essa banda é como um tratamento de canal *sem* anestesia.

Jane e eu saímos juntos, imaginando (corretamente, como podemos perceber) que Tiny, vestindo minha dose de precipitação radioativa, vai nos seguir. Como fracassei ao ingerir as duas bebidas alcoólicas que Tiny me deu, Jane joga a chave de volta para mim em um arco bem alto. Eu a apanho e me sento ao volante depois que ela entra no banco de trás. Tiny tomba no banco do carona. Dou a partida no carro, e meu encontro com a imensa decepção auditiva chega ao fim. Mas eu mal penso sobre isso no caminho de casa, porque Tiny não para de falar sobre Zach. Tiny tem essa coisa: os problemas dele são tão enormes que os nossos podem se esconder atrás deles.

— Como uma pessoa pode estar *tão errada* em relação a uma coisa? — pergunta Tiny acima dos guinchos barulhentos da música do NMH favorita de Jane (e a minha menos favorita). Estou passando pela Lake Shore e dá pra ouvir Jane cantando no banco traseiro, um pouco desafinada, mas melhor do que eu faria se cantasse na frente de outras pessoas, o que não faço em razão da Lei da Boca Fechada. E Tiny está dizendo:

— Se você não pode confiar nos próprios instintos, então vai confiar em quê?

E retruco:

— Você pode confiar na ideia de que gostar de alguém, como regra, acaba mal.

O que é verdade. Gostar não leva ao sofrimento de vez em quando. Leva sempre.

— Meu *coração* está partido — diz Tiny, como se isso nunca tivesse acontecido com ele, como se nunca tivesse acontecido com ninguém. E talvez seja esse o problema: talvez cada novo rompimento pareça a Tiny tão radicalmente novo que, de certa maneira, não tenha *mesmo* acontecido antes. — E cê num tá ajudando — acrescenta, e é quando percebo que está arrastando as palavras.

Dez minutos pra chegar à casa dele, se não pegarmos trânsito, e então direto pra cama.

Mas não consigo dirigir tão rápido quanto o estado de Tiny deteriora. Quando saio da Lake Shore — e ainda faltam seis minutos —, ele já está arrastando as palavras e berrando, falando sem parar sobre o Facebook e a morte da sociedade educada, e coisas assim. Jane, com as mãos cujas unhas estão pintadas de preto, massageia os ombros elefânticos de Tiny, mas parece que ele não consegue parar de chorar, e vou perdendo todos os sinais verdes à medida que a Sheridan lentamente se desenrola à nossa frente, e as lágrimas se misturam à meleca até que a camiseta de Tiny nada mais é que um pano de chão.

— Quanto falta? — pergunta Jane.

E eu respondo:

— Ele mora numa rua que sai da Central.

E ela retruca:

— Meu Deus. Fique calmo, Tiny. Você só precisa dormir, baby. Amanhã tudo vai parecer um pouco melhor.

Por fim, viro na passagem e desvio dos buracos até parar atrás da casa de Tiny. Salto do carro e empurro meu banco pra frente pra que Jane possa sair por trás de mim. Então damos a volta até o banco do carona. Jane abre a porta, se debruça sobre Tiny, consegue, por um milagre de destreza, abrir o cinto de segurança dele, e então diz:

— Muito bem, Tiny. Hora de ir pra cama.

E Tiny responde:

— Eu sou um idiota. — E então dá um soluço que provavelmente é registrado na escala Richter, no Kansas. Mas ele se levanta e vai cambaleando até a porta dos fundos. Eu o sigo, só pra ter certeza de que ele vai pra cama sem problemas, o que acaba sendo uma boa ideia, porque ele não vai pra cama sem problemas.

Em vez disso, a uns três passos de chegar à sala, ele para subitamente. Dá meia-volta e me olha, estreitando os olhos, como se nunca tivesse me visto antes e não conseguisse deduzir o porquê de eu estar na casa dele. Então tira a camisa. Ainda está me olhando em dúvida quando, parecendo totalmente sóbrio, diz:

— Grayson, alguma coisa precisa acontecer.

— Hã?

E Tiny completa:

— Porque se não, como vai ser se acabarmos como todo mundo lá no Hideout?

E eu estou prestes a dizer *hã* de novo, porque todas aquelas pessoas eram muito mais legais que nossos colegas da escola e também muito mais legais que nós, mas aí percebo o que ele quer dizer. Ele quer dizer: e se nos tornarmos adultos à espera de uma banda que nunca vai voltar? Percebo Tiny me olhando sem expressão, oscilando pra frente e pra trás, como um arranha-céu ao vento. E então ele cai de cara no chão.

— Ai ai — diz Jane atrás de mim, e só então percebo que ela está ali.

Tiny, com o rosto enterrado no tapete, começa a chorar de novo. Fico olhando pra Jane por um bom tempo e lentamente um sorriso aparece no rosto dela. Seu rosto muda completamente quando ela sorri — o sorriso faz erguer as sobrancelhas, mostrando os dentes perfeitos e franzindo os olhos, que nunca vi ou nunca percebi. Ela fica bonita tão de repente que é quase como um passe de mágica — mas não que eu a deseje ou algo assim. Não quero parecer um

babaca, mas Jane não faz o meu tipo. O cabelo dela é meio que desastrosamente enrolado e ela está quase sempre na companhia de garotos. Meu tipo é um pouco mais feminino. E, sinceramente, eu nem gosto tanto assim do meu tipo de garota, quanto mais de outros tipos. Não que eu seja assexuado — só acho insuportável o gênero Drama Romântico.

— Vamos colocá-lo na cama — diz, por fim. — Não podemos deixar que os pais dele o encontrem assim de manhã.

Eu me ajoelho e falo para Tiny se levantar, mas ele continua chorando sem parar, então, finalmente, Jane e eu nos posicionamos do lado esquerdo dele e o viramos de costas. Pulo por cima dele, e então me abaixo, segurando-o com firmeza pela axila. Jane faz o mesmo do outro lado.

“Um”, diz Jane, e eu digo: “Dois”, e ela diz: “Três”, e geme. Mas nada acontece. Jane é pequena — dá pra ver como o braço dela afina quando ela flexiona os músculos. E eu tampouco consigo levantar minha metade de Tiny, então decidimos deixá-lo ali mesmo. Quando Jane coloca um cobertor em cima dele e um travesseiro debaixo da cabeça, Tiny já está roncando.

Estamos prestes a ir embora quando toda a produção de meleca de Tiny finalmente vai de encontro a ele e começam uns barulhos horríveis, que parecem roncoss, só que mais sinistros, e também mais molhados. Eu me abaixo, me aproximando do rosto dele, e vejo que está inspirando e expirando uns fios borbulhantes e nojentos de meleca, dos últimos estertores de sua choradeira. Tem tamanha quantidade daquela coisa que fico com medo de que ele se engasgue.

— Tiny! — chamo. — Você precisa tirar essa meleca do nariz, cara. — Mas ele nem se mexe. Então me aproximo de seu ouvido e grito: — Tiny!

Nada. Jane dá um tapa na cara dele, com muita força. Niente. Só o horrível ronco do tipo se afogando em meleca.

E é aí que me dou conta de que Tiny Cooper não pode meter o dedo para limpar o próprio nariz, contrariando a segunda parte do teorema de meu pai. E, logo depois, sob o olhar atento de Jane, invalido inteiramente o teorema quando estendo a mão e livo as vias aéreas de Tiny da meleca. Resumindo: eu não posso escolher a dedo meu amigo; ele não pode meter o dedo pra limpar o próprio nariz; e eu posso — não, eu *tenho* de — meter o dedo por ele.

## capítulo dois

vivo constantemente dividido entre me matar e matar todos à minha volta.

essas parecem ser as duas opções. tudo o mais é só pra matar o tempo.

neste momento, estou atravessando a cozinha em direção à porta dos fundos.

mãe: toma o café da manhã.

não tomo café da manhã. nunca tomo café da manhã. não tomo café da manhã desde que pude sair pela porta dos fundos sem tomar o café antes.

mãe: aonde você vai?

à escola, mãe. você devia experimentar um dia.

mãe: não deixe o cabelo cair no seu rosto assim — não consigo ver seus olhos.

mas veja, mãe, é justamente essa *a porra do propósito*.

eu me sinto mal por ela — sinto, sim. é uma pena, mesmo, que eu tenha que ter mãe. não deve ser fácil ter um filho como eu. nada pode preparar uma pessoa pra esse tipo de decepção.

eu: tchau.

não digo “bom-dia”. acredito que essa seja uma das expressões mais imbecis já inventadas. afinal, você não tem a opção de dizer “mau-dia” ou “horrível dia” ou “não-dou-a-mínima-pro-seu-dia”. todas as manhãs, espera-se que seja o início de um bom dia. bem, eu não acredito nisso. acredito *contra* isso.

mãe: tenha um bom d...

a porta meio que se fecha no meio da frase, mas não que eu não possa adivinhar como termina. ela costumava dizer “até mais tarde!” até que numa manhã eu estava tão cansado daquilo que disse a ela: “não, até nunca”.

ela tenta, e é isso que torna tudo tão patético. eu só queria dizer: “sinto muito por você, sinto mesmo.” mas isso pode dar início a uma conversa, e uma conversa pode dar início a uma briga, e então eu me sentiria tão culpado que talvez tivesse que me mudar pra portland ou algo assim.

preciso de café.

toda manhã, rezo pra que o ônibus escolar bata, e que todos morramos nos destroços pegando fogo. então minha mãe vai poder processar a empresa que fabrica ônibus escolares por não fazer ônibus escolares com cintos de segurança e conseguir mais dinheiro com minha trágica morte do que eu jamais conseguiria ganhar em minha trágica vida. a menos que os advogados da fábrica de ônibus possam provar para o júri que eu seria um fracasso garantido. então eles se livrariam do processo dando à minha mãe um ford fiesta usado e considerando a questão resolvida.

maura não está exatamente à minha espera antes da escola, mas eu sei, e ela sabe, que vou procurar por ela onde estiver. em geral recorremos a isso para que possamos dar algumas risadas ou algo assim antes de irmos embora. é como aquelas pessoas que se tornam amigas na prisão, embora nunca fossem nem mesmo se falar se não estivessem ali. é assim que eu e maura somos, acho.

eu: me dá um gole de café.

maura: compra uma porra de um café pra você.

então ela me entrega o cocôccino XXG do dunkin donuts e tomo tudo de um gole só. se pudesse pagar meu próprio café, juro que compraria, mas a maneira como vejo a coisa é: a bexiga dela não está pensando que sou um babaca, mesmo que o restante dos órgãos esteja. é assim comigo e maura, desde que me lembro, o que dá mais ou menos um ano. acho que a conheço há um pouco mais de tempo que isso, mas talvez não. em algum momento do ano passado, a melancolia dela encontrou minha desgraça, e maura achou que a combinação era boa. não tenho tanta certeza assim, mas, pelo menos me rende um café.

derek e simon estão se aproximando agora, o que é bom, porque isso vai me poupar algum tempo no almoço.

eu: me dá seu dever de casa de matemática.

simon: claro. aqui.

que amigo.

o primeiro sinal toca. como todos os sinais em nossa excelente instituição de ensino inferior, o sinal é um longo bipe, como se você estivesse prestes a deixar uma mensagem de voz dizendo que está tendo o dia mais escroto do mundo. e ninguém jamais vai ouvi-la.

não tenho a menor ideia do motivo por que alguém iria querer ser professor. isto é, você tem de passar o dia com um grupo de garotos que ou o odeiam profundamente ou puxam seu saco pra conseguir uma nota boa. isso deve afetar a pessoa depois de algum tempo — viver cercado por gente que nunca vai gostar de você por uma razão sincera. eu teria pena dessas pessoas, se elas não fossem umas sádicas e fracassadas. no que diz respeito aos sádicos, é tudo uma questão de poder e controle. eles ensinam pra ter uma razão oficial pra dominar outras pessoas. e os fracassados consistem em praticamente todos os outros professores, dos que são incompetentes demais pra fazer qualquer outra coisa aos que querem ser os melhores amigos dos alunos porque nunca tiveram amigos quando estavam na escola. e tem aqueles que sinceramente acreditam que vamos lembrar de alguma coisa que nos dizem depois que as provas finais acabarem. tá bom.

de vez em quando, a gente tem uma professora como a sra. grover, que é uma sádica fracassada. mas também não deve ser fácil ser professora de francês, porque, na real, ninguém mais precisa saber falar francês. e, enquanto ela beija os *derrières* dos alunos nota dez, quando se trata dos alunos normais, ela se ressentido do fato de que estamos tomando seu tempo. então reage nos dando testes todos os dias e projetos gays como “desenhe sua própria atração para a euro disney” e então fingindo-se de toda surpresa quando digo: “sim, minha atração para a euro disney é a minnie usando uma baguete como vibrador para se divertir com o mickey.” como não tenho a menor ideia de como dizer “vibrador” em francês (*vibradorrrr?*), digo apenas “vibrador”, ela finge não ter a menor ideia do que estou falando e diz que a minnie e o mickey comendo baguete não são uma atração. sem dúvida, ela me desconta um ponto naquele dia. sei que devia me importar, mas é realmente difícil imaginar alguma coisa com que eu pudesse me importar menos do que minha nota em francês.

a única coisa que faço, e que vale a pena em todos os tempos — a manhã toda, na verdade — é escrever *isaac, isaac, isaac* no meu caderno e então desenho o homem aranha escrevendo-o em uma teia. o que é totalmente idiota, mas que seja. não estou fazendo isso pra ser legal.

eu me sento com derek e simon no almoço. do jeito que nos comportamos, é como se estivéssemos em uma sala de espera. de vez em quando, dizemos alguma coisa, mas na maior parte do tempo nos limitamos ao espaço da nossa cadeira. às vezes lemos revistas. se alguém se aproxima, levantamos os olhos. mas isso não acontece com frequência.

ignoramos a maioria das pessoas que passam, mesmo aquelas que supostamente deveríamos desejar. não que derek e simon sejam muito de garotas. basicamente, eles gostam de computadores.

derek: você acha que o software X18 vai ser lançado antes das férias?

simon: li no blog do trustmaster que deve ser lançado, sim. seria legal.

eu: toma aqui o seu dever de casa de volta.

quando olho os caras e as garotas nas outras mesas, me pergunto o que possivelmente eles têm pra dizer uns aos outros. são todos tão chatos e estão todos tentando compensar isso falando alto. prefiro me sentar aqui e comer.

tenho esse ritual, que é quando dá duas horas e me permito ficar animado com a hora de ir embora. é tipo: se eu chegar a esse ponto posso ter o resto do dia de folga.

acontece na aula de matemática, e maura está sentada ao meu lado. em outubro ela descobriu esse meu ritual e assim, todos os dias às duas agora ela me passa um pedaço de papel com alguma coisa escrita. tipo “parabéns” ou “podemos ir agora?” ou “se essa aula não terminar logo, vou partir meu próprio crânio ao meio”. eu sei que devia escrever de volta, mas na maioria das vezes faço um gesto com a cabeça. acho que ela quer sair comigo ou algo assim, e não sei o que fazer em relação a isso.

todo mundo na nossa escola tem atividades extraclasse.

a minha é ir pra casa.

às vezes, paro e ando de skate por um tempo no parque, mas não em fevereiro, não neste subúrbio frio-de-congelar-o-cu de chicago (conhecido pelos moradores como naperville). se eu for pra lá agora, vou congelar até os ovos. não que eu esteja usando os ditos-cujos pra alguma coisa, nada perto disso, mas ainda assim gosto de tê-los, por via das dúvidas.

além disso, tenho coisas melhores pra fazer do que ficar ouvindo o pessoal que largou a faculdade me dizer quando posso usar a rampa (que, em geral, é... nunca) e ver os skatepunks da nossa escola me olharem com desprezo porque não sou descolado o bastante pra fumar e beber com eles, nem descolado o bastante pra ser straight edge. não o bastante pra coisa nenhuma no que diz respeito a eles. parei de tentar fazer parte desse grupo fechado que-não-admite-que-é-um-grupo-fechado quando terminei o nono ano. afinal, não é como se o skate fosse a minha vida nem nada.

gosto de ter a casa só pra mim depois da escola. não preciso ficar me sentindo culpado por ignorar minha mãe quando ela não está por perto.

primeiro, ligo o computador pra ver se isaac está on-line. não está, então preparo um sanduíche de queijo (sou muito preguiçoso pra fazer queijo-quente) e toco uma punheta. isso leva uns dez minutos, não que eu esteja cronometrando.

isaac ainda não está on-line quando volto. ele é a única pessoa na minha “buddy list”, que é a porra do nome mais idiota pra uma lista de amigos. significa “lista de amiguinhos” — o que somos, crianças de 3 anos?

eu: oi, isaac, quer ser meu amiguinho!?

isaac: claro, amiguinho! vamos *brincar*!

isaac sabe o quanto acho essas coisas idiotas, e ele também acha. como o termo lol. olha, se existe alguma coisa mais idiota que *buddy lists*, é lol. se alguém usar lol comigo, eu arranco o computador da parede e o acerto na cabeça mais próxima. afinal, as pessoas não estão *laughing out loud*, ou seja, rindo alto das coisas para as quais elas põem lol. eu acho que deviam escrever loló, que é o que parece que essas pessoas andaram cheirando já que não conseguem mais pensar.

ou ttyl [*talk to you later* — falo com você mais tarde]. você não está falando de verdade, sua vaca. pra isso, seria preciso fazer *contato vocal* de verdade. ou <3. você acha que isso parece um coração? se sim, é porque nunca viu um escroto.

(rofl [*rolling on the floor laughing*]! o quê? você está mesmo rolando no chão de tanto rir? bem, então por favor fique aí deitado um instante enquanto EU DOU UM PÉ NA TUA BUNDA.)

tive de dizer a maura que minha mãe me obrigou a cancelar meu instant messenger pra que ela parasse de entrar todas as vezes que eu estava tentando fazer alguma coisa.

sanguegotico4567: coé?

finalwill: trabalhando.

sanguegotico4567: em quê?

finalwill: meu bilhete de suicídio. não consigo decidir como terminar.

sanguegotico4567: lol

assim, matei meu nome de usuário e ressuscitei com outro. isaac é a única pessoa que o conhece, e vai continuar assim.

verifico meu e-mail e é quase tudo spam. o que eu quero saber é o seguinte: existe mesmo alguém no mundo todo que recebe um e-mail de [hlyywkrres@hothotmail.com](mailto:hlyywkrres@hothotmail.com), lê e diz pra si mesmo: “sabe, o que eu preciso mesmo é aumentar meu pênis em 33%, e a maneira de fazer isso é enviar \$ 69,99 àquela simpática senhora ilena da VIRILIDADE MÁXIMA CORP através deste conveniente link da internet!” se as pessoas caem mesmo nessa, não é com o pau que deviam

estar preocupadas.

tenho uma solicitação de amizade de um estranho no facebook e a deletei sem nem olhar o perfil, porque tal coisa não me parece natural. porque a amizade não deve ser tão fácil assim. é como se as pessoas acreditassem que tudo que você precisa para serem almas gêmeas é gostar das mesmas bandas. ou livros. *omg... vc gosta de outsiders 2... é como se fôssemos a mesma pessoa!* não, não somos. é como se tivéssemos o mesmo professor de inglês. é diferente.

são quase quatro horas e isaac costuma estar on-line a essa hora. faço aquela coisa idiota da recompensa com meu dever de casa — é assim: *se eu procurar a data em que os maias inventaram o palito de dentes, posso verificar se isaac já está on-line. depois, se eu ler mais três parágrafos sobre a importância da cerâmica nas culturas indígenas, posso verificar minha conta do yahoo.* E, finalmente, *se eu terminar de responder essas três perguntas e isaac ainda não estiver on-line, então posso tocar outra punheta.*

estou ainda na metade da resposta da primeira pergunta, uma besteira sobre por que as pirâmides maias são *tão mais legais* que as egípcias, quando trapaceio, olho minha lista de amigos e vejo o nome de isaac ali. estou prestes a pensar *por que ele não me mandou uma mensagem?* quando a caixa aparece na tela. como se ele tivesse lido minha mente.

amarradopelopai: vc está aí?

grayscale: sim!

amarradopelopai: ☺

grayscale: ☺ x 100

amarradopelopai: pensei em você o dia todo

grayscale: ???

amarradopelopai: só coisas boas

grayscale: isso é muito mau ☺

amarradopelopai: depende do que você considera bom

☺☺

é assim desde o começo. ficando cada vez mais agradável. fiquei um pouco assustado no início com o nome de usuário dele, mas rapidamente ele me contou que era porque o nome dele era isaac, e *no fimmeupaisacrificouo cordeiro enaoamim* era longo demais pra ser um bom nome de usuário. ele me perguntou sobre meu antigo nome, *finalwill* e contei que meu nome era will, e foi assim que começamos a nos conhecer. estávamos em uma daquelas salas de bate-papo entediadas onde se fica em completo silêncio a cada dez segundos até alguém escrever “alguém

aí?” e outras pessoas respondem “sim” “ok” “aqui!”, sem dizer coisa nenhuma. estávamos supostamente em um fórum sobre um cantor de quem eu gostava, mas não havia muito a dizer sobre ele, exceto quais músicas eram melhores que outras. era realmente chato, mas foi assim que isaac e eu nos conhecemos, então acho que vamos ter de contratar o cantor pra tocar em nosso casamento ou algo assim. (isso não tem nenhuma graça.)

logo estávamos trocando fotos e mp3s, e falando sobre como tudo é uma merda, mas é claro que a ironia estava no fato de que enquanto falávamos sobre isso o mundo não era assim tão merda. exceto, naturalmente, pela parte final, quando tínhamos de voltar ao mundo real.

é tão injusto ele morar em ohio, porque isso não devia ser assim tão longe, mas, como nenhum de nós dirige e nenhum de nós nem em um milhão de anos diria: “ei, mãe, não quer me levar até o outro lado de indiana pra eu encontrar um garoto?”, estamos num beco sem saída.

grayscale: estou lendo sobre os maias.

amarradopelopai: angelou?

grayscale: ???

amarradopelopai: deixa pra lá. pulamos os maias. agora só estudamos história “americana”.

grayscale: mas eles não viveram nas américas?

amarradopelopai: não, segundo a minha escola. \*\*gemidos\*\*

grayscale: então, quem você quase matou hoje?

grayscale: e com “matar” quero dizer “quis que desaparecesse”, no caso de essa conversa estar sendo monitorada por administradores...

amarradopelopai: contagem de corpos potencial em 11. doze, se você incluir o gato.

grayscale: ... ou pela segurança interna

grayscale: maldito gato!

amarradopelopai: maldito gato!

não contei a ninguém sobre isaac, porque ninguém tem nada com isso. adoro que ele saiba quem todo mundo é, mas que ninguém saiba quem ele é. se eu tivesse amigos de verdade com quem achasse que podia falar, isso poderia causar algum conflito. mas como agora bastaria um único carro pra levar as pessoas ao meu enterro, acho que está tudo bem.

algum tempo depois, isaac precisa sair, porque ele não pode usar o computador na loja de música onde trabalha. sorte minha que não parece ser uma loja muito movimentada, e que o chefe dele seja um traficante de drogas ou algo do gênero já que está sempre deixando isaac responsável pela loja enquanto sai pra “encontrar umas pessoas”.

eu me afasto do computador e termino o dever de casa rapidamente. então posso ir pra sala

de tv e ligar em law & order, pois a única coisa certa mesmo nessa vida é que sempre que eu ligar a tv haverá um episódio de law & order. desta vez é o do cara que estrangula uma loura atrás da outra, e embora eu tenha certeza de já ter visto aquilo umas dez vezes, fico assistindo como se não soubesse que a repórter bonita com quem ele está falando está prestes a ter o cordão da cortina enrolado no pescoço. não assisto a essa parte, porque é muito idiota, mas assim que a polícia pega o cara e o julgamento começa, o negócio fica tipo:

promotor: cara, o cordão tirou esse pedacinho microscópico de pele da sua mão enquanto você a estrangulava, e nós o examinamos no microscópio e descobrimos que você está totalmente fodido.

você tem de saber que ele gostaria de ter usado luvas, embora elas provavelmente teriam deixado fibras, e ele estaria totalmente fodido de qualquer jeito. quando tudo isso acaba, vem outro episódio que eu não acho que tenha visto antes, até que uma celebridade atropela um bebê com sua Hummer, e eu penso: ah, é aquele em que a celebridade atropela o bebê com a Hummer. assisto de qualquer forma, porque não tenho nada melhor pra fazer. então mamãe chega em casa e me encontra lá, e é como se fôssemos uma reprise também.

mãe: como foi o seu dia?

eu: mãe, estou assistindo tv.

mãe: você vai estar pronto para o jantar em 15 minutos?

eu: *mãe*, estou assistindo tv!

mãe: bem, arrume a mesa no intervalo.

eu: TÁ BOM.

simplesmente não entendo isso — existe coisa mais chata e patética que pôr a mesa quando só tem duas pessoas? quero dizer, com jogo americano e garfos pra salada e tudo. quem ela está enganando? eu daria qualquer coisa pra não ter de passar os próximos vinte minutos sentado na frente dela, uma pessoa que não acredita em deixar o silêncio reinar. não, ela tem de preenchê-lo com conversa. tenho vontade de dizer a ela que é pra isso que servem as vozes na cabeça da gente, pra ajudar a passar por todas as partes silenciosas. mas ela não quer ficar com seus pensamentos, a menos que os diga em voz alta.

mãe: se eu tiver sorte esta noite, talvez a gente tenha mais uns dólares pra poupança do carro.

eu: você não precisa fazer isso.

mãe: não seja bobo. é um motivo pra eu ir à noite do pôquer das garotas.

queria mesmo que ela parasse com isso. ela se sente pior que eu com o fato de eu não ter um carro. quer dizer, não sou um daqueles imbecis que acredita que assim que se faz 17 anos é um direito dado por deus aos americanos ter um chevrolet novinho em folha na entrada da garagem. sei qual é a nossa situação, e sei que ela não gosta que eu tenha de trabalhar numa farmácia nos fins de semana para pagar as coisas que precisamos comprar na própria farmácia. vê-la constantemente triste com isso não faz com que eu me sinta melhor. e, é claro, há outra razão pra ela ir jogar pôquer além do dinheiro. ela precisa de mais amigos.

ela me pergunta se tomei meu remédio antes de sair correndo de manhã e digo, sim, caso contrário, eu não estaria me afogando na banheira? ela não gosta disso, então digo “brincadeira, brincadeira” e faço uma anotação mental de que as mães não são o melhor público pra piadas sobre remédios. decido não comprar pra ela o suéter de *melhor mãe do mundo de um bosta depressivo* no dia das mães como vinha planejando. (ok, na verdade não existe um suéter assim, mas, se existisse, teria gatinhos nele, colocando meias nas patas.)

a verdade é que pensar em depressão me deprime horrores, então volto pra sala de tv e assisto a mais law & order. isaac nunca volta ao computador antes das oito, então espero até lá. maura me liga, mas não tenho energia pra dizer nada exceto o que está acontecendo em law & order, e ela odeia quando faço isso. então deixo o correio de voz atender.

eu: aqui é o will. qual é o motivo dessa porra de ligação? deixe uma mensagem e talvez eu te ligue de volta. [BIPE]

maura: ei, perdedor. estou tão entediada que estou te ligando. pensei que, se você não estivesse fazendo nada, eu poderia gerar seus filhos. bem... sendo assim, acho que vou ligar pra josé e pedir a ele que me coma na manjedoura e conceba outra criança santa.

quando me dou ao trabalho de ouvir são quase oito. e, mesmo assim, não me dou ao trabalho de ligar de volta pra ela. temos essa coisa em relação a ligar de volta pro outro; o que significa não fazer muito isso. em vez de ligar, sigo pro computador e é como se eu me transformasse em uma garotinha que vê seu primeiro arco-íris. fico todo animado e nervoso, cheio de esperança e desesperado, e digo a mim mesmo pra não ficar olhando obsessivamente a lista de amigos, mas parece que ela se projeta na parte interna das minhas pálpebras. às 20h05 o nome dele aparece e eu começo a contar. chego apenas ao 12 antes que a mensagem dele surja na tela.

amarradopelai: meus cumprimentos!

grayscale: e saudações!

amarradopelopai: muito feliz por vc estar aqui.

grayscale: muito feliz por estar aqui

amarradopelopai: trabalho hoje = o dia! mais entediante! de todos os tempos! uma garota tentou furtar e não foi nem um pouco sutil. eu costumava ter alguma simpatia por ladrões de lojas

amarradopelopai: mas agora só quero vê-los atrás das grades. disse a ela para devolver o objeto e ela reagiu toda do tipo: “colocar o que de volta?” até eu meter a mão no bolso dela e pegar o disco. e o que ela disse então? “ah”

grayscale: nem mesmo “desculpa”?

amarradopelopai: nem isso.

grayscale: garotas são um saco.

amarradopelopai: e os garotos são uns anjos? 😊

seguimos assim por cerca de uma hora. queria que pudéssemos falar pelo telefone, mas os pais dele não deixam que ele tenha um celular, e sei que minha mãe às vezes checa as minhas chamadas quando estou no banho. mas isso é legal. é a única parte do meu dia em que o tempo parece valer.

passamos nossos costumeiros dez minutos nos despedindo.

amarradopelopai: preciso mesmo ir.

grayscale: eu também.

amarradopelopai: mas não quero.

grayscale: nem eu.

amarradopelopai: amanhã?

grayscale: amanhã!

amarradopelopai: eu quero você.

grayscale: quero você também.

isso é perigoso, pois como regra não me permito querer coisas. muitas vezes quando eu era criança, juntava as mãos ou fechava os olhos bem apertado e me dedicava a esperar por alguma coisa. eu até achava que havia alguns lugares no meu quarto que eram melhores pra pedir que outros — debaixo da cama era ok, mas na cama não era; o fundo do armário servia, desde que a caixa de sapatos com cartões de beisebol estivesse no meu colo. nunca, jamais na minha mesa, mas sempre com a gaveta de meias aberta. ninguém tinha me dito essas regras — eu as havia

descoberto sozinho. podia passar horas nutrindo um desejo particular — e toda vez deparava com um gigantesco muro de total indiferença. fosse pra desejar um hamster de estimação ou pra que minha mãe parasse de chorar — a gaveta de meias estaria aberta, e eu estaria sentado atrás do meu baú de brinquedos com três bonecos em uma das mãos e uma miniatura de carro na outra. nunca esperava que tudo ficasse melhor — apenas que uma única coisa melhorasse. e nunca funcionou. assim, finalmente, desisti. eu desisto todo santo dia.

mas não com isaac. às vezes isso me assusta. desejar que dê certo.

mais tarde naquela noite recebo um e-mail dele.

*tenho a sensação de que minha vida está muito dispersa neste momento. como se fosse um monte de pedacinhos de papel e alguém ligasse o ventilador. mas falar com você me faz sentir como se o ventilador tivesse sido desligado por um tempo. como se as coisas pudessem de fato fazer algum sentido. você junta todos os meus pedacinhos, e sou muito grato por isso.*

DEUS, ESTOU TÃO APAIXONADO.

## capítulo três

Nada acontece por uma semana. Não digo isso no sentido figurado, como se houvesse uma escassez de eventos significativos. Quero dizer que não acontece absolutamente nada mesmo. Estagnação total. É um pouco como um paraíso, pra dizer a verdade.

Tem a coisa de levantar, tomar banho e ir pra escola, e o milagre de Tiny Cooper ao sentar na carteira, e o olhar melancólico pro meu relógio tipo Ônibus Escolar Mágico do Lanche Feliz do Burger King durante cada aula, e o alívio do sinal do oitavo tempo, e o ônibus pra casa, e o dever de casa, e o jantar, e os pais, e a porta trancada, e a música boa, e o Facebook, e a leitura das atualizações de status das pessoas sem atualizar o meu próprio status porque minha política de boca calada se estende à comunicação textual, e depois tem a cama e a coisa de levantar, o chuveiro e a escola outra vez. Isso não me incomoda. No que diz respeito à vida, prefiro o silenciosamente desesperado ao radicalmente bipolar.

E então na noite de quinta-feira vou pra casa, Tiny me liga e alguma coisa começa a acontecer. Eu digo alô e aí Tiny, a título de introdução, diz:

— Você devia ir ao encontro da Aliança Gay-Hétero de amanhã.

E eu respondo:

— Nada pessoal, Tiny, mas não sou muito de alianças. De qualquer forma, você conhece minha política sobre atividades extracurriculares.

— Não, não conheço — retruca Tiny.

— Bem, sou contra elas — digo. — Só as atividades curriculares já são suficientes. Ouça, Tiny, preciso desligar. Minha mãe está na outra linha. — Desligo. Minha mãe não está na outra linha, mas eu preciso desligar, porque não aguento ser persuadido a nada.

Mas Tiny liga de novo. E diz:

— Na verdade, eu *preciso* que você vá porque temos de aumentar nosso número de associados. O financiamento repassado pela escola é parcialmente decidido pela quantidade de pessoas que frequentam as reuniões.

— Por que você precisa do dinheiro da escola? Você tem sua própria *casa*.

— Precisamos de dinheiro pra montar nossa produção de *Tiny Dancer*.

— Ai. Meu. Deus. Misericordioso — digo, porque *Tiny Dancer* é um musical escrito por Tiny.

É basicamente a história da vida de Tiny levemente dramatizada, só que cantada, e é — e eu não uso esse adjetivo levianamente — o musical mais gay de toda a história da humanidade. O que não quer dizer que ele seja ruim. Só estou dizendo que é gay. Na verdade — até onde é

possível com musicais — é bastante bom. As músicas ficam na cabeça. Gosto particularmente de “Quem tá na linha de frente (gosta que ataquem por trás)”, que inclui os memoráveis versos: “No vestiário nem dá pra tirar casquinha / porque vocês têm a cara cheia de espinha.”

— *O quê?* — geme Tiny.

— Só estou preocupado que isso possa ser, hã... — O que foi que Gary disse no outro dia... — “Ruim para a causa” — afirmo.

— Esse é *exatamente* o tipo de coisa que você pode dizer amanhã! — responde Tiny, com um leve traço de decepção na voz.

— Eu vou — digo, e desligo.

Ele torna a ligar, mas não atendo, pois estou no Facebook, olhando o perfil de Tiny, correndo os olhos pelos seus 1.532 amigos, cada um mais bonito e estiloso que o outro. Estou tentando descobrir quem, precisamente, *faz parte* da Aliança Gay-Hétero, e se poderiam se tornar um Grupo de Amigos convenientemente não irritante. Até aqui, pelo que posso ver, porém, são apenas Gary, Nick e Jane. Estou examinando atentamente a minúscula foto do perfil de Jane, na qual ela parece segurar uma espécie de mascote em tamanho natural com patins de gelo.

E, nesse exato momento, recebo uma solicitação de amizade dela. Poucos segundos depois de eu aceitar, ela me manda uma mensagem.

Jane: Oi!

Eu: Oi.

Jane: Desculpe, esse deve ter sido um uso de exclamação inadequado.

Eu: Rá. Tudo bem.

Olho o perfil dela. A lista de músicas e livros favoritos é obscenamente longa, e eu só consigo percorrer a letra A da lista de músicas antes de desistir. Ela está bonita nas fotos, mas não tanto quanto na vida real — o sorriso nas fotos não é o dela.

Jane: Soube que Tiny está recrutando você para a AGH.

Eu: De fato.

Jane: Você devia ir. Precisamos de associados. É meio patético, na verdade.

Eu: É, acho que vou.

Jane: Legal. Não sabia que você tinha Facebook. Seu perfil é engraçado. Gostei de “ATIVIDADES: precisam envolver óculos de sol”.

Eu: Você tem mais bandas favoritas do que Tiny tem ex-namorados.

Jane: É, bem. Algumas pessoas têm vida; outras têm música.

Eu: E algumas não têm nenhuma das duas.

Jane: Anime-se, Will. Você está prestes a ser o hétero mais bonito na Aliança Gay-Hétero.

Tenho a nítida impressão de que está rolando um clima. Assim, não me entenda mal. Eu gosto de flertar como qualquer um, desde que seja qualquer um que tenha visto repetidamente seu melhor amigo ser dilacerado pelo amor. Mas nada viola as regras de calar a boca e não se importar o suficiente para flertar — exceto possivelmente aquele momento encantadoramente horrível em que você age depois do flerte, o momento em que você sela seu coração partido com um beijo. Deveria haver uma terceira regra, na verdade: 1. Cale a boca. 2. Não ligue muito pra nada. E 3. Nunca beije uma garota de quem você gosta.

Eu, depois de um tempo: Quantos caras héteros tem na AGH?

Jane: Você.

Eu escrevo lol, e me sinto um tolo de sequer pensar nela como flerte. Jane é só uma garota inteligente e crítica com cabelos enrolados demais.

E então fica assim: às 15h30 da tarde seguinte, o sinal do oitavo tempo toca e, por um nanossegundo, sinto fervilhando pelo meu corpo as endorfinas que em geral indicam que sobrevivi com êxito a mais um dia de aula sem que nada acontecesse, mas aí eu lembro: o dia ainda não acabou.

Marcho para o andar de cima enquanto um mundo de gente desce a escada correndo, a caminho do fim de semana.

Chego à sala 204A. Abro a porta. Jane está de costas pra mim sentada numa carteira e com os pés na cadeira. Veste uma camiseta amarelo-clara e, do modo como está inclinada, posso ver um pouco da lombar dela.

Tiny Cooper está esparramado no carpete fino, usando a mochila como travesseiro. Está usando um jeans skinny, que mais parecem invólucros jeans para salsicha. Nesse momento, a Aliança Gay-Hétero consiste em nós três.

— Grayson! — exclama Tiny.

— Este é o Clube Homossexualidade É Uma Abominação, certo?

Tiny ri. Jane apenas continua sentada de costas pra mim, lendo. Meus olhos se dirigem às costas dela, já que têm de ir a algum lugar, e Tiny diz:

— Grayson, você está desistindo da sua assexualidade?

Jane se vira no momento em que lanço um olhar pra Tiny e murmuro:

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Will Grayson, Will Grayson" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).